

O espaço biopolítico e a violência de gênero no romance *Ensaio sobre a Cegueira*

The biopolitic space and the gender violence in the novel Ensaio sobre a cegueira

Espacio biopolítico y violencia de género en el romance Ensaio sobre a cegueira

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995), cujo objetivo é compreender de que modo a violência de gênero, na medida em que é exercida dentro de um espaço biopolítico, evidencia-se como um problema de ordem política, desnudando-se da máscara da moralidade sob a qual se esconde a ordem patriarcal. Para tanto, toma-se como aporte teórico especialmente a proposta de Rita Segato acerca da dimensão expressiva da violência sexual, afirmando-a dentro do âmbito eminentemente político e direcionando a formas de combate e resistência às violências de gênero.

Palavras-chave: biopolítica; violência de gênero; *Ensaio sobre a cegueira*.



Recebido em: 9 de novembro de 2022
Aceito em: 15 de novembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v24i1.45633

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Bianca Rosina Mattia

biancamattia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0136-1241>

Universidade Federal de Santa Catarina
(PPGLit/UFSC), Santa Catarina, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

This article presents a reading of the novel *Ensaio sobre a cegueira*, by José Saramago (1995), whose objective is to understand how gender violence, insofar as it is exercised within a biopolitical space, appears as a problem of political order, stripping itself of the mask of morality under which the patriarchal order hides. To this end, it is taken as a theoretical contribution, especially Rita Segato's proposal about the expressive dimension of sexual violence, affirming it within the eminently political scope and directing the forms of combat and resistance to gender violence.

Keywords: biopolitic; gender violence; *Ensaio sobre a cegueira*.

RESUMEN

Este artículo presenta una lectura de la novela *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995), cuyo objetivo es comprender cómo la violencia de género, en la medida en que se ejerce dentro de un espacio biopolítico, aparece como un problema de orden político, despojándose de la máscara de moralidad bajo la que se esconde el orden patriarcal. Para ello, toma como aporte teórico, en especial, la propuesta de Rita Segato sobre la dimensión expresiva de la violencia sexual, afirmándola en el ámbito eminentemente político y orientando las formas de combate y resistencia a la violencia de género.

Palabras clave: biopolítica; violencia de género; *Ensaio sobre a cegueira*.

Como citar:

MATTIA, Bianca Rosina. O espaço biopolítico e a violência de gênero no romance *Ensaio sobre a Cegueira*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 124-134, jan./jun. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i1.45633 Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



INTRODUÇÃO

Quando declarada a pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), passados poucos dias, Renato Rovai, editor da revista brasileira *Fórum*, escrevia que esse era um momento para ler *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e alertava que a leitura, no entanto, não deveria ser feita “para pensar sobre como uma doença que se espalha sem controle pode mudar nossa vida, mas como nossa vida talvez estivesse completamente equivocada antes que essa doença chegasse.”¹ Assim escrita, no limiar de um cenário que se apresentaria devastador, a proposta de Rovai talvez despertasse, naquele momento, para a reflexão final dos cegos, depois de uma longa travessia pelas mazelas da condição humana quando a humanidade escolhe não ver: “[...] Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.” (SARAMAGO, 1995, p. 310).

Publicado em 1995, pela alegoria de uma epidemia de cegueira branca que expõe a humanidade a sua mais degradante condição, o romance de José Saramago, ao mesmo tempo em que ecoava [à época da sua publicação, mas ainda hoje] o fim de um século marcado pelo extremo da barbárie, aconselhava para o seguinte, cuja chegada já se anunciava: *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*. Saramago o chamou ainda a imagem do mundo: “[...]. *Imago mundi* lhe chamei, [...], visão aterradora de um mundo trágico. [...] No *Ensaio* não se lacrimizam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e absurda dor do mundo.” (SARAMAGO, 1997 [1995], p. 496).

O romance que, na proposta de Teresa Cerdeira (2020), pode ser lido como um “documento pós-holocausto”, pensado, portanto, como “um texto inscrito na história”, de modo a ultrapassar uma leitura circunscrita na alegoria criada pelo seu autor, a fim de *historicizar* a sua leitura, permanece entre nós leitores – como bem demonstra a autora – como “a memória inventada” daquele tempo de extremo horror. Já imerso no novo século, o testemunho ficcional – seguindo ainda a proposta de Cerdeira (2020) – dado por Saramago nas páginas do *Ensaio*, permaneceu entre seus leitores *persistindo como rumor*, em meio a uma realidade que até então – e só cegamente – mostrava-se *incompatível*, para lembrar Italo Calvino² em suas definições de um clássico. No cenário pandêmico do século XXI, o *Ensaio sobre a cegueira* encontra-se estreitamente com a realidade.

Ao se alastrar de forma incontrolável pela população, o vírus, assim como a cegueira, passou a mostrar a tragicidade do mundo construído sob as bases da exploração, da banalização do horror. Ao evidenciar a desigualdade, a pandemia aumentou ainda mais as vulnerabilidades, exclusões e discriminações que vitimam alguns grupos sociais, dentre eles, as mulheres. Para a filósofa italiana

¹ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2020/3/17/ensaio-sobre-cegueira-coronavirus-nos-71007.html>.

² Escreve Italo Calvino em *Por que ler os clássicos*: “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível.” (2007, p. 15, grifos no original).

Silvia Federici (2020), a pandemia evidenciou injustiças sofridas principalmente pelas mulheres: “Hoje, podemos ver que elas estão na linha de frente como trabalhadores da assistência social e de sanitária, e mesmo nos trabalhos mais precarizados. Há ainda uma carga maior do trabalho em casa: cuidar dos filhos em tempo integral, não lhes transmitir medo, protegê-los dessa ameaça.” As mulheres são a maioria na linha de frente como profissionais da saúde, mas são também a maioria dentre as pessoas que assumem o cuidado das suas famílias, e é neste ambiente que o isolamento como medida de prevenção e de combate ao vírus colocou-as ainda mais vulneráveis à violência doméstica que já tanto as vítimas.

No Brasil, o panorama da violência contra as mulheres no contexto da Covid-19 não se mostrou diferente. Em novembro de 2021, lê-se no *Portal da Fiocruz*, em matéria de Everton Lima, com entrevista à professora e pesquisadora do IFF/Fiocruz, Corina Mendes, dados alarmantes da violência contra as mulheres durante a pandemia: “[...] a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus.”³. As medidas de isolamento e restrição de acesso a serviços essenciais mostraram-se fatores favoráveis ao referido aumento da violência contra as mulheres. Em seus próprios lares, confinadas, a maior ameaça às mulheres continuou sendo o exercício do poder patriarcal.

A violência contra as mulheres também está presente no romance de Saramago durante o tempo de confinamento dos cegos. É aqui que situo minha hipótese para esta breve leitura do *Ensaio sobre a cegueira*: se o espaço de isolamento das personagens cegas durante a epidemia de cegueira branca for compreendido como um espaço biopolítico, então a emergência da violência sexual exercida contra as mulheres, nesse mesmo espaço, evidencia o problema político que de fato se configura, conforme propõe a antropóloga Rita Segato. Nesse sentido, a violência sexual contra as mulheres deixaria de ser compreendida dentro de um fundamento de moralidade, como defendido pela ordem patriarcal, e que em muito dificulta a viabilidade de possíveis soluções.

Trancados em quarentena, tal situação a que os cegos são submetidos no romance de Saramago faz eco ao que Michel Foucault (2014) descreveu em seu livro *Vigiar e Punir* acerca da cidade pestilenta e do isolamento dos leprosos. No cenário de uma suposta epidemia de cegueira, aplicou o governo, na emergência da desordem na cidade, o “modelo compacto do dispositivo disciplinar.” (FOUCAULT, 2014, p. 192), e assim como “a ordem responde à peste”, também ela responde à cegueira branca. Somou-se a isso, para maior eficiência do controle disciplinar, e por não ser incompatível com o esquema disciplinar da peste (FOUCAULT, 2014), como aos leprosos, aplicou-se o exílio aos cegos: confinaram todos em um manicômio onde passaram a ser rigorosamente vigiados sob uma lista de ordens repetidas diariamente, na mesma hora:

[...] A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e

³ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19#:~:text=Os%20dados%20da%20viol%C3%Aancia%20contra,longo%20dos%20%C3%BAltimos%2012%20meses.>

seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio, supondo que de um contágio se trata, supondo que não estaremos apenas perante uma série de coincidências por enquanto inexplicáveis. A decisão de reunir num mesmo local as pessoas afectadas, e, em local próximo, mas separado, as que com elas tiveram algum tipo de contacto, não foi tomada sem séria ponderação. [...] Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, primeiro, as luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata, terceiro, [...] (SARAMAGO, 1995, p. 49-50).

Vê-se no *Ensaio* o duplo modo de controle realizado pelo poder disciplinar desde o começo do século XIX: “o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante etc.)” (FOUCAULT, 2014, p. 193). Percebe-se, contudo, da leitura desse trecho do romance, a presença de um poder que não é mais aquele poder soberano sob o epíteto do *fazer morrer e deixar viver*, porque não se constitui a partir da destruição da vida, antes se faz presente o poder que objetiva gerir a vida, o biopoder, instituído pela biopolítica, onde a exigência da morte se dá em defesa da vida: *fazer viver e deixar morrer* (FOUCAULT, 1999). O combate ao mal da cegueira, visando a preservação do corpo social, se constrói a partir de um poder de vida e morte sobre o corpo da população, o que cria um espaço de exceção onde se confinam os cegos e os que com estes tiveram contato. Neste espaço, configura-se o espaço da biopolítica, que lida, não mais com o corpo individual, mas com “um novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelos menos necessariamente numerável. É a noção de ‘população’ [...] a população como problema político, [...] biológico e como problema de poder.” (FOUCAULT, 1999, p. 292-293).

O esquema panóptico, que na sua polivalência de aplicações poderá ser utilizado “cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento” (FOUCAULT, 2014, p. 199), enquanto exercício do poder, se puder ser lido nessa história onde cegos são confinados sob constante vigilância em um manicômio, parece implodir na ficcional situação-limite em que não há mais quem não esteja acometido da cegueira, à exceção da personagem da *mulher do médico*, a única que não cega durante toda a história. Restam, a partir daí, apenas os cegos trancados no manicômio. Sujeitos a nenhuma mínima condição de higiene e saúde, num ambiente onde se animalizam, resta a *vida nua* (AGAMBEN, 2002). O manicômio torna-se, assim como o campo, “o absoluto espaço biopolítico”:

Na medida em que os seus habitantes foram despojados de todo estatuto político e reduzidos integralmente à vida nua, o campo é também o mais absoluto espaço biopolítico que jamais tenha sido realizado, no qual o poder não tem diante de si senão a pura vida sem qualquer mediação. Por isso o campo é o próprio paradigma do espaço político no ponto em que a política torna-se biopolítica e o *homo sacer* se confunde virtualmente com o cidadão. (AGAMBEN, 2002, p. 177-178).

O corpo populacional dos cegos parece ter sido reduzido a sua existência biológica promovida por um espaço de degradação, a mostrar que “toda vida política em comum, todo *bíós*, repousa sobre o abismo da *zoé*, dessa vida nua que nos assemelha aos bichos.” (GAGNEBIN, 2008, p. 17). Mas nesse ambiente de total degradação, os cegos se dividem e um dos grupos passa a exercer o controle sobre a distribuição dos alimentos para os demais cegos. Exigem, em troca da comida, a entrega de objetos de valor:

[...] Está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora buscá-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga, Pagamos como, perguntou a mulher do médico, Eu disse que não queria que ninguém falasse, berrou o da pistola, agitando a arma à sua frente, Alguém terá de falar, precisamos saber como deveremos proceder, aonde vamos buscar a comida, se vamos todos juntos ou um de cada vez, [...] Cada camarata nomeará dois responsáveis, esses ficam encarregados de recolher os valores, todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, jóias, anéis, pulseiras, brincos, relógios, o que lá tiverem, e levem tudo para a terceira camarata do lado esquerdo, que é onde nós estamos, [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 140).

Não há mais regras impostas pelo Governo, não há mais a vigilância “de fora”, dos não-cegos, mas há este controle, este exercício de poder interno que não se circunscreve apenas na *zoé*, mas se mistura com o *bíós*. Isso porque o poder exercido pelos *cegos malvados* configurou-se o exercício de um biopoder, na medida em que não optaram por fazer morrer os demais cegos, mas por *fazer viver e deixar morrer* (FOUCAULT, 1999).

No espaço biopolítico do *Ensaio*, onde uma parte dos cegos está submetida ao grupo de outros cegos que detém a comida, emerge um problema de gênero a partir da exigência que é feita por este grupo para que as mulheres se submetam a relações sexuais com eles em troca de comida: “[...] os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres.” (SARAMAGO, 1995, p. 165). O pedido foi recebido com indignação e, de imediato, puseram-se todos à recusa da ordem, mas, por fim, ao considerar a própria sobrevivência e a dos demais cegos, decidiram as mulheres que sim, iriam aos *cegos malvados*: “[...] quem proferiu a sentença final foi uma mulher já de cinquenta anos que tinha consigo a mãe velha e nenhum outro modo de lhe dar de comer, Eu vou, disse, não sabia que estas palavras eram o eco das que na primeira camarata lado direito haviam sido ditas pela mulher do médico, Eu vou, [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 167). Os cegos violadores, cujo objetivo não era o de matar as mulheres, manifestavam, por meio da violência sexual, o exercício de um poder não apenas sobre elas, mas sobre todos os demais cegos homens:

[...] Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres. [...] Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva. Já sabem, o pagamento é em gêneros, digam aos homenzinhos que lá têm que venham buscar as sopas, escarnecera à despedida o cego da pistola. E

acrescentou, chocarreiro. Até à vista meninas, vão-se preparando para a próxima sessão. (SARAMAGO, 1995, p. 178).

Se este espaço puder ser considerado, assim como o campo, o “próprio paradigma do espaço político no ponto em que a política torna-se biopolítica” (AGAMBEN, 2002, p. 178), a exigência da relação sexual, dos cegos homens – daqueles chamados *cegos malvados* – às mulheres, configurando-se como violência sexual, deixaria de ser considerada um problema moral – como insistentemente pautado pela ordem patriarcal – e passaria a ser compreendida como o problema político que de fato é (SEGATO, 2018a).

Para a antropóloga argentina Rita Segato, o problema da violência sexual está em ser visto como um problema de moralidade sob a qual se esconde a ordem patriarcal, que é uma ordem política. A partir de entrevistas com condenados por crimes de violência sexual, Segato (2018b) pode evidenciar que os atos de violência não estão compreendidos em uma dimensão instrumental, ou seja, não servem à finalidade de um desejo sexual:

La violación es pensada como instrumental en la satisfacción de una necesidad, de robo de un servicio sexual indispensable al agresor y, por lo tanto, un acto libidinal. Pero ninguna de las respuestas de los presos confirmaba esa creencia de robo de un servicio, que es la manera habitual con que lo vemos. (SEGATO, 2018, p. 39)⁴.

A partir de então, a pesquisadora propõe pensar a violência sexual como um enunciado, o que significa pensá-la mais em uma dimensão expressiva do que instrumental, acarretando com isso uma diferença central para a compreensão dos atos de violência sexual. Tal formulação se insere dentro de um quadro de formulações da autora acerca de gênero e violência e que se pode ler nas páginas iniciais de seu livro *La guerra contra las mujeres*:

[...] 1) la expresión “violencia sexual” confunde, pues aunque la agresión se ejecute *por medios sexuales*, la finalidad de la misma no es del orden de lo sexual sino del orden del poder; 2) no se trata de agresiones originadas en la pulsión libidinal traducida en deseo de satisfacción sexual, sino que la libido se orienta aquí al poder y a un mandato de pares o cofrades masculinos que exige una prueba de pertenencia al grupo; 3) lo que refrenda la pertenencia al grupo es un tributo que, mediante exacción, fluye de la posición femenina a la masculina, construyéndola como resultado de ese proceso; 4) la estructura funcional jeráquicamente dispuesta que el mandato de masculinidad origina es análoga al orden mafioso; 5) mediante este tipo de violencia el poder se expresa, se exhibe y se consolida de forma

⁴ “A violação é pensada como instrumental na satisfação de uma necessidade, como o roubo de um serviço sexual essencial ao agressor e, por isso, um ato libidinal. Porém, nenhuma das respostas dos presos confirmava esta crença de roubo de um serviço, que é a maneira como costumamos vê-la.” (SEGATO, 2018, p. 39, tradução minha).

truculenta ante la mirada pública, por lo tanto representando un tipo de violencia expresiva y no instrumental. (SEGATO, 2016, p. 18, grifos no original)⁵.

Na sua dimensão expressiva, conforme Segato (2018), a violência sexual como ato enunciativo diz algo e o diz a alguém. Nesse contexto enunciativo, o violador se encontra em dois eixos de interlocução que se alimentam mutuamente: um eixo vertical, violador-vítima, e um eixo horizontal, violador-seus pares. O primeiro enunciado é violento e ocorre com a vítima, numa expressão de subjugação: “[...] la acción a lo largo de ese eje vertical espectaculariza la potencia y capacidad de crueldad del agresor.” (SEGATO, 2018, p. 45)⁶. O segundo, por sua vez, responde ao “mandato de masculinidad”, ou seja, “[...] ser capaz de un acto de dominación, de vandalismo, de ‘tumbarse una mina’, de contar que se desafió un peligro; [...]” (SEGATO, 2018, p. 45)⁷. Nesse sentido, a subjugação das mulheres pela violência sexual responde necessariamente à ordem patriarcal, a qual exige dos homens uma adequação ao *mandato de masculinidade*, de tal forma instaurando e perpetuando papéis de gênero sob os quais se constrói o patriarcado:

La violación coloca a su víctima – mujer más frecuentemente, pero a veces hombre – en la posición femenina, y se nutre con el tributo resultante de esa dominación, por ese proceso de reducción. No hay masculinidad sin la circulación de ese tributo que la construye. Y no hay feminidad sin esa conducción a la posición reducida, subyugada: ésta es la ‘matriz heterosexual’, la matriz patriarcal, el género. Lo que hace la violación es, precisamente, conducir el cuerpo de mujer en una posición femenina; la violación es una acción feminizadora que reproduce un acto arcaico. Cuando hablo de masculinidad y de femineidad, como se sabe, no hablo de esencias, sino de historias diferentes: la historia de los hombres y la historia de las mujeres. Siempre considerando también la existencia de variaciones importantes con relación a lo que entiende por un hombre y una mujer. (SEGATO, 2018, p. 41)⁸.

“A cena de gênero é uma cena de poder”, afirma Segato (2018a). Se consideramos o confinamento dos cegos no *Ensaio sobre a cegueira* um espaço biopolítico, o exercício da violência sexual contra as mulheres na gestão da vida que os próprios cegos operam, permite desvincular o

⁵ “[...] 1) a expressão “violência sexual” confunde, pois ainda que a agressão se execute por *meios sexuais*, sua finalidade não é da ordem do sexual mas da ordem do poder; 2) não se trata de agressão originada na pulsão libidinal traduzida no desejo de satisfação sexual, mas sim que a libido se orienta aqui para o poder e para um mandato dos pares masculinos ou da irmandade que exige prova de pertencimento ao grupo; 3) o que endossa o pertencimento ao grupo é um pagamento que, por cobrança, flui da posição feminina para a masculina, construindo-a como resultado desse processo; 4) a estrutura funcional hierarquicamente organizada que o mandato da masculinidade origina é análoga à ordem mafiosa; 5) por meio desse tipo de violência, o poder é expresso, exibido e consolidado de forma truculenta diante do olhar público, representando, portanto, um tipo de violência expressiva e não instrumental.” (SEGATO, 2016, p. 18, grifos no original, tradução minha).

⁶ “[...] a ação, ao longo deste eixo vertical, espetaculariza a potência e a capacidade de crueldade do agressor.” (SEGATO, 2018, p. 45, tradução minha).

⁷ “[...] ser capaz de um ato de dominação, de vandalismo, de ‘tumbarse una mina’, de contar que desafiou um perigo” (SEGATO, 2018, p. 45, tradução minha).

⁸ “A violação coloca sua vítima – mais frequentemente uma mulher, mas às vezes um homem – na posição feminina, e se nutre do tributo resultante dessa dominação, desse processo de redução. Não há masculinidade sem a circulação desse tributo que a constrói. E não há feminilidade sem essa condução à posição reduzida, subjugada: esta é a ‘matriz heterosexual’, a matriz patriarcal, o gênero. O que a violação faz é justamente levar o corpo da mulher a uma posição feminina; a violação é uma ação feminilizante que reproduz um ato arcaico. Quando falo de masculinidade e de feminilidade, como se sabe, não estou falando de essências, mas de histórias diferentes: a história dos homens e a história das mulheres. Sempre considerando também a existência de variações importantes em relação ao que é entendido por um homem e por uma mulher.” (SEGATO, 2018, p. 41, tradução nossa).

ato violador da sua falsa dimensão moral e associá-lo a um ato de dominação: é um ato político, um ato de poder patriarcal, porque se funda na exploração, apropriação e controle do corpo das mulheres. De acordo com Segato (2021), a expansão dos ataques contra os corpos femininos e feminizados expande-se cada vez mais em novos métodos, de tal modo que

A violência desencadeada sobre os corpos feminizados manifesta-se em formas inéditas de destruição corporal, bem como no tráfico e comercialização de tudo o que esses corpos podem oferecer. Tal ocupação predatória de corpos feminizados vem sendo praticada como nunca antes e, nesta etapa apocalíptica da humanidade, espolia até deixar somente restos. (SEGATO, 2021, p. 88).

No *Ensaio sobre a cegueira*, as marcas da violência, da violação sexual, imprimem-se no corpo das mulheres e têm sua descrição no corpo já morto, derradeiro final, da chamada *cega das insônias*. Após serem submetidas à violência sexual por parte dos *cegos malvados*, ao regressarem para a camarata, as mulheres carregam consigo o corpo morto da *cega das insônias*:

[...] Está morta, disse a mulher do médico, e a sua voz não tinha nenhuma expressão, se era possível uma voz assim, tão morta como a palavra que dissera, ter saído de uma boca viva. Levantou em braços o corpo subitamente desconjuntado, as pernas ensanguentadas, o ventre espancado, os pobres seios descobertos, marcados com fúria, uma mordedura num ombro, Este é o retrato do meu corpo, pensou, o retrato do corpo de quantas aqui vamos, entre estes insultos e as nossas dores não há mais do que uma diferença, nós, por enquanto, ainda estamos vivas. Para onde a levamos, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Agora para a camarata, mais tarde a enterraremos, disse a mulher do médico. (SARAMAGO, 1995, p. 178-179).

Se a violência sexual exercida em um espaço biopolítico permite que se supere a concepção moral do ato violador contra as mulheres, avançando, assim, na compreensão do estupro e do massacre contra as mulheres na nossa sociedade, resta ainda o desafio de ultrapassar o *enigma da biopolítica*: o de se transformar numa tanotopolítica (ESPOSITO, 2017). Para o filósofo italiano Roberto Esposito, ainda que seja sempre esse o risco da biopolítica, “não significa que coincide necessariamente com ela” (2016, p. 121). Nesse sentido, “a uma política sobre a vida reage sempre uma política da vida. O corpo humano fica no meio desse contraste. Se ele é objeto de controle e de exploração, também é sujeito de revolta, a partir do momento em que cada poder produz resistência” (ESPOSITO, 2016, p. 121). Cabe, então, pensar em formas de resistência. Lê-se no romance:

[...] a mulher do médico disse às outras mulheres, Fiquem aqui, eu já volto. Sabia o que queria, não sabia se o encontraria. Queria um balde ou alguma coisa que lhe fizesse as vezes, queria enchê-lo de água, ainda que fétida, ainda que apodrecida, queria lavar a cega das insônias, limpá-la do sangue próprio e do ranho alheio, entregá-la purificada à terra, se tem ainda algum sentido falar de purezas de corpo neste manicômio em que vivemos, que às da alma, já se sabe, não há quem lhes possa chegar. Nas compridas mesas do refeitório havia cegos deitados. De uma torneira mal fechada, por cima de uma pia de despejos, corria um fio de água. A mulher do médico olhou em redor à procura do balde, do recipiente, mas não viu

nada que pudesse servir. [...] Pelo chão, espalhados, havia sacos de plástico, dos da comida, grandes alguns. [...] Agiu rapidamente [...] Torceu e enrolou a boca do saco, lançou-o para as costas, e, como pôde, correu para fora dali. Quando o médico e o velho da venda preta entraram na camarata com a comida, não viram, não podiam ver, sete mulheres nuas, a cega das insônias estendida na cama, limpa como nunca estivera em toda a sua vida, enquanto a outra mulher lavava, uma por uma, as suas companheiras, e depois a si própria. (SARAMAGO, 1995, p. 180-181).

O gesto de carregarem juntas o corpo já morto da *cega das insônias* é gesto de acolhida, de não abandono, e se estende na busca que faz a mulher a médico por água para que possam juntas lavar o corpo violentado, já morto daquela mulher. O gesto retira a marca de corpo-objeto impingida pelo patricardo. Evidenciam a cooperação, social e subjetiva, impedem que se dissipe o que as une. O gesto construído na aliança que formam estas mulheres frente ao horror é gesto de resistência. E como afirma Segato (2018a), “Não há um príncipe valente. Há política, que é mais lindo, mais heroico e mais verdadeiro. A mão salvadora vem de nossa amizade e aliança”.

Nesse sentido cabe pensar a literatura como resistência. Resistência a uma política de morte e destruição da vida, mas ainda – e aqui retomo outra vez a proposta de Cerdeira (2020) na leitura do *Ensaio* como testemunho ficcional, memória inventada daquele tempo de extremo horror – a literatura como resistência por não nos permitir o esquecimento. Na apresentação de *O que resta de Auschwitz*, Jeanne Marie Gagnebin (2008) afirma que um dos legados de Auschwitz é a exigência do não esquecimento da vida nua, “saber acolher essa indigência primeva que habita nossas construções discursivas e políticas, que só podem permanecer incompletas.” (2008, p. 17). Em seu livro *Lembrar escrever esquecer*, ela situa tal exigência no âmbito de uma “tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente).” (2009, p. 47). É possível pensar que cumpre a literatura um papel político na tarefa igualmente política de retratar a vida nua, para que dela não a esqueçamos, para que a partir dela seja sempre possível – ainda que só pelo exercício da imaginação – uma “política da vida” (ESPOSITO, 2016).

No ano em que se comemoram os cem anos de nascimento de José Saramago e cujo mote escolhido para a efeméride propõe pensá-lo contemporâneo: “O centenário de um contemporâneo”, a atualidade da leitura do *Ensaio sobre a cegueira* nos faz compreendê-lo como um escritor do seu tempo, que soube ver além do que as luzes do presente mostram, soube ver também o escuro do seu tempo: “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” (AGAMBEN, 2009, p. 63). O que não deixa de contribuir para o entendimento de *quem somos e aonde chegamos* (CALVINO, 2007).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (Humanitas).
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito. In.: NETO, Pedro Fernandes de Oliveira (Org.). *Peças para um ensaio*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 223-256.
- FEDERICI, Silvia. Pandemia, reprodução e comuns. *Outras Palavras*. Publicado em 28/04/2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/pandemia-reproducao-e-comuns/>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In.: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos). p. 285-315.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In.: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de sítio). p. 9-17.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROVAI, Renato. O Ensaio sobre a cegueira, o coronavírus e nós. *Revista Fórum*. Publicado em 17 de março de 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinioao/2020/3/17/ensaio-sobre-cegueira-coronavirus-nos-71007.html> Acesso em: 15 fev. 2022.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEGATO, Rita. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficante de Sueños, 2016.
- SEGATO, Rita; CARBAJAR, Marina. “O problema da violência sexual é político, não moral”- entrevista com Rita Segato. Tradução de CEPAT. *IHU – Instituto Humanitas Unisinos*. 18 dez. 2018a. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/585609-o-problema-da-violencia-sexual-e-politico-nao-moral-entrevista-com-rita-segato> Acesso em: 07 fev. 2022.
- SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018b.
- SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Trad. Danielli Jatobá e Danú Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

O(A) AUTOR(ES/AS)

Bianca Rosina Mattia

Doutoranda em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLit/UFSC). Mestra em Literatura (PPGLit/UFSC, 2018). Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (UFSC, 2019). Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais (UPF, 2008). Integra o quadro discente do Núcleo de Literatura Brasileira Atual - Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade (LITERATUAL/UFSC). Tem interesse em Literatura Portuguesa (séc. XX e XXI) e nos Estudos Literários sob a perspectiva dos Estudos de Gênero e da Crítica Feminista